

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA SALA DE AULA: UM ENCONTRO COM A ARTE, A CULTURA E A EDUCAÇÃO.

Suely Lima de Assis Pinto¹
Roniclea Nunes de Souza Matias²

Este texto objetiva refletir sobre as ações humanas no contexto da sociedade capitalista e a desvalorização de valores humanos, em detrimento de uma evolução (des)humanizadora. Sabe-se que o homem encontra-se no berço de uma sociedade capitalista, que vai paulatinamente expropriando-o de valores éticos-humanizadores; por isso, a reflexão que ora se apresenta busca compreender como esses valores vão se exaurindo juntamente com a organicidade que constitui nossa humanidade.

O processo de ausência da constituição do gênero humano pode ser compreendido pela reflexão que Duarte Jr.³ levanta sobre “a modernidade e a (ir)racionalidade contemporânea”, tendo por base as reflexões do autor Kujawsk. Duarte Jr. afirma que a perda da sensibilidade humana, nessa sociedade se efetiva por meio de espaços inseridos no cotidiano como a habitação, o ato de passear, a conversa, a comida e o trabalho.

Nesse sentido o autor, ao refletir, primeiramente, sobre a habitação, afirma que houve uma perda para o homem, o que ele caracteriza como quantitativa e qualitativa. No quantitativo, na maioria das vezes, não há habitação e sim favelas, casas de papelão, ou as pessoas caracterizadas como “sem teto”. A contradição rege uma sociedade, cuja técnica de construção atinge seu ápice com a construção de edifícios, mas a especulação imobiliária impera sobre essa habitação impelindo a humanidade para as favelas. No qualitativo, mesmo diante desse ápice arquitetônico, o autor afirma que a habitação perdeu a identidade humana, a estética, o arabesco que fariam daquela um lar. Vive-se em espaços ínfimos, funcionais, “a forma segue a função”. São conjuntos habitacionais que se multiplicam constatando essa desumanização do espaço. As construções, em qualquer lugar do mundo, seguem o mesmo padrão utilitário/geométrico dispensando o traço expressivo da cultura onde se localiza.

Sobre o passeio, o autor demonstra que o ato de passear pela cidade constitui a compreensão da própria identidade. Um processo de identificação do homem com seu meio ambiente e com o outro. Dessa relação, nasce um sentimento de instalação no mundo e com o mundo e de um compromisso social. Passear é fundamental para a efetivação de uma realidade instável e acolhedora, porém, a modernidade priva o homem desses elementos em função de uma transformação pela violência e a poluição, principalmente, nas grandes cidades. Ressalta-se, também, a demolição de prédios para a construção da cidade funcional e conseqüentemente a alteração do espaço urbano em função de uma vida mais moderna.

A conversa ou a tradição oral, antes da modernidade, sempre foi depositária da cultura viva, assim como a sabedoria, a história, a ciência, a arte e a técnica tradicionais. Pela palavra ou pela conversa, trocam-se não apenas informações, mas afetos e sentimentos, elementos fundamentais para a transformação de uma dada realidade. Desapareceu o hábito de conversar nas calçadas no final de tarde. Hoje, as famílias, de forma solitária, preenchem o tempo mínimo em que se encontram juntos

em frente do aparelho de televisão. Desaparece, com isto, a opinião pública, pois, agora, regidos pelos meios de comunicação de massa, possuem uma opinião uniforme, ideologizada, imbuída pela indústria cultural.

Ao compreender essas transformações inseridas no seio da modernidade, Duarte Jr, analisa, ainda, a comida como um universo repleto de contradições. O ato de comer no mundo humano, antes carregado de significados, a festa do casamento, a festa do aniversário, a reunião com a família no final de semana, são momentos quando as famílias sentavam-se à mesa da cozinha e, enquanto preparavam uma comida repleta de temperos, a panela fumegante no fogão exalava seu aroma de sabores. Tudo isso foi sendo substituído pela falta de tempo, pelo “fest food” diante da mesa de um balcão de bar, pela “bóia fria”, em um lugar distante do aconchego do lar, pelo almoço de negócios. A contradição, nesse contexto, atinge seu ápice diante da modernidade, quando se apresenta na tecnologia avançada das técnicas agrícolas e no aumento de produção, simultaneamente, ao aumento da fome e da miséria. Hoje a comida é regida por substâncias químicas, criam-se sabores e odores artificiais, que simulam os alimentos e embrutecem o paladar, ao mesmo tempo em que o homem, na miséria, vai perdendo suas características próprias de uma condição humana.

Um dos momentos de maior ênfase no processo de desumanização, segundo Duarte Jr., foram as mudanças no processo de trabalho, que se modificaram a partir da Revolução Industrial. O artesão que antes dominava todo o processo de conhecimento do produto fabricado (como por exemplo, as tecedeiras que dominavam o conhecimento desde a plantação do algodão, passando pela colheita, pela carda, pelo fiar, pelo tecer, até o acabamento final de uma costura), hoje possui conhecimento dividido e fragmentado. Nas fábricas, o homem é capaz de passar um dia inteiro apenas pregando botões, ou costurando uma gola de camisa, logo ele não possui o conhecimento em sua totalidade. O trabalho tornou-se uma função, e o homem, um funcionário. A industrialização despojou a produção de seu caráter artesanal, pessoal, criador e humanizador, transformando-a em atividade anônima, mecânica, embrutecida e alienante. Instaura-se, com isso, o funcionalismo, o descartável, o funcional e o simulacro. No âmbito do mundo moderno, as coisas devem funcionar com o menor custo possível e o maior lucro alcançável. Em decorrência disto, vão sendo deixados de lado as escalas de valores, o bom e o mau, o certo e o errado, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o ético e o não ético.

Surgem, desta forma, problemas que ora se enfrentam. Vão desde a corrupção e a falta de ética e de valores desmedidos proporcionados pelo meio político, até as ações de desequilíbrio ambiental causados por complexos industriais que se instauram sem a análise e pesquisa de impactos ambientais, e que, muitas vezes, possuem também o viés dos interesses políticos. Na modernidade, qualquer processo de evolução humana tem seu preço, mesmo que, nesse processo, se esteja espoliando o homem do que lhe é fundamental: a sua humanidade.

Diante dessa (ir)realidade, o processo de desenvolvimento do homem vê-se bombardeado por uma profusão de signos e imagens, que se tornam simulacros de uma vida real. Os meios de comunicação de massa contribuem com o processo de desumanização, reforçando uma sensação de mal estar, de desconforto. E na ânsia de compreender este mal estar, que se instaura, aliado ao processo de desumanização aqui descrito e caracterizado, principalmente, pela alienação e ausência de criticidade do homem, a mídia se apresenta como a salvadora desse sujeito apresentando por

meio de seus produtos industriais, aquilo que o homem procura como condição de humanidade. É assim que os produtos se apresentam como essência de humanidade e a busca se finda, pelo menos temporariamente, na aquisição de um produto da indústria cultural.

É nesse momento que a formação humana e emancipadora, por meio da experiência estética e da formação cultural, se constituem como fundamental no processo de devolver ao homem, embrutecido pelo cotidiano moderno, a emancipação, a organicidade e a universalidade de sua condição humana. É nesse contexto que o presente projeto, que ora se efetiva, contempla os estudos e os saberes estéticos e artísticos, buscando, assim, a possibilidade de uma experiência estética e a compreensão da arte, seu significado, relevância e historicidade na relação: arte, cultura e educação, contribuindo com a constituição de um ser humano completo, valorizando seus aspectos intelectuais, morais e estéticos. A metodologia do projeto – que é contemplado com uma bolsa PROBEC – se efetiva na montagem de exposições na Galeria Adenóquito Assis de Castro, Campus de Jataí, e na elaboração de mini-cursos sobre arte, apreciação estética, leitura de imagens e o fazer artístico, tendo como público alvo a comunidade local, os artistas plásticos e os alunos/professores do Campus. O projeto envolve ainda, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas, com o objetivo de estabelecer conceitos e procedimentos para uma compreensão crítica da complexidade, do dinamismo e das contradições dos processos culturais, educacionais e artísticos no contexto da sociedade capitalista.

Palavras-chave: Cultura – Experiência estética – Ensino da arte

¹ Mestre em Educação Brasileira, Professora do Curso de Pedagogia, Campus Jataí – suelylimajatai@yahoo.com.br

² Graduanda do Curso de Pedagogia, bolsista do PROBEC, roniclean@yahoo.com.br

³ DUARTE JR., João Francisco. **O itinerário de uma crise: a modernidade**. Porto Alegre: Ed. UFPR, 1988.